

# A terra como chão sagrado e valor cultural\*

Eliezer Martins\*\*

Então pra gente defender a nossa terra, a nossa terra lá no Porto Lindo, conforme o cacique Delossanto, eu conversei com ele quando soube que tinha um encontro aqui pra gente falar da terra, ele disse que a terra pra nós é um chão. É o chão onde nós vamos cultivar as riquezas que a gente tem de dentro de nós, que são as músicas assim em guarani, que a gente brinca com as crianças. Nós temos a dança, quando a gente comemora, onde a gente comemora o tempo da colheita do milho, a gente também traz alguma coisinha que tem, por exemplo, o milho. É, o milho tem muito valor pra gente quando estamos fazendo algumas comemorações de acordo com a nossa realidade. Então, o chão é o espaço de muito valor pra nós.

O chão pra nós é especial pra entender, pra fortalecer a nossa dança e vai fortalecer a língua que hoje está quase, pra mim está, em perigo de acabar mesmo a nossa língua guarani. O modo de ser, porque aqui a gente fala sobre a nossa língua, a gente dança, mas nós não praticamos esses rituais quando a gente se encontra nas reuniões na cidade. E, também, falar no espaço é dizer que a terra vai servir pra repassar tudo que a gente tem, de acordo com a nossa visão, pras crianças e, também, ensinar as crianças que a terra não é pra gente chegar e aí ficar e depois dizer que essa terra já não vale mais e vamos vender. A intenção, o pensamento, de acordo com o cacique e o rezador, é que a terra não é pra nós vendermos. Aonde nós vamos se vender a terra? O que nós perdemos até esse momento, isso não importa pra nós. O que importa pra nós é que ali nós vamos manter o modo de ser, mesmo tendo os não-índios, mesmo que nós perdemos as nossas árvores, os pássaros, os rios. O que nós perdemos ali, isso não importa pra nós. O que vai ser importante pra nós é ocupar aquela terra que é nossa.

Eu estou falando da terra que é o Yvy Katu, da aldeia Porto Lindo. Então, de acordo com o Delossanto, que é rezador,

\* Apresentação oral feita no Encontro Regional de História, UCDB, 2004.

\*\* Professor na Terra Indígena de Porto Lindo, município de Japorã, Mato Grosso do Sul, formado na primeira turma do Projeto Ara Verá – Curso de habilitação para o magistério.

inclusive ele está morando na área de conflito, já fez o barracinho dele lá, há muitas necessidades onde nós perdemos, onde nós deixamos. Ele diz que não deixou aquela terra porque sabia que um dia nós retornaríamos lá e já aconteceu, no Yvy Katu. E é um desafio. Antes nós lutamos, ele falou, com o arco e a flecha, mas hoje nós temos uma lei que diz que garante a terra pra nós. Mas se a gente não tivesse se movimentado, igual nós fizemos lá no Yvy Katu, nós até hoje estaríamos lá naqueles 1.600 hectares que a Funai deu. O que nós fizemos, a gente tem 22 professores índios lá, e podemos relatar o que aconteceu. Questionamos por que aconteceu e quem é o responsável pelos acontecimentos. E chegamos a uma conclusão que estamos perdendo tempo ali. Tivemos conversando durante quase dois meses e nós chegamos a uma conclusão que era o momento de nos unirmos, com os professores e com os agentes de saúde e os rezadores e os mais velhos. Nós perdemos o medo, não temos medo de encarar as pessoas que tem capacidade pra vir em cima de nós com armas, com as leis. Nós pensamos no futuro das nossas crianças e junto com os mais velhos – é enfrentar. Pois nós temos a vida, e a nossa vida é uma arma também pra nós, e da vida temos a nossa língua, o nosso modo de ser. Então, se nós deixarmos essa nossa vida quieta, nós sempre vamos ficar assim.

Então, chegou o momento em que nós dissemos e falamos pro rezador: não, vocês que conhecem a reza que vai servir pra nos fortalecer. E essa é a arma nossa, é a reza. E, durante uma semana os rezadores lá se juntaram e fizeram a reza. Inclusive, nós sempre estamos pedimos o apoio de várias comunidades indígenas de outras aldeias e eu senti a firmeza de que nós fizemos uma união forte. E aí nós sentimos, também, que os jovens tinham ainda a força de ser Guarani, de ser índio. Cada um deles no esforço fez, como vou dizer, o que é o modo de ser do Guarani, deixando os nossos relógios, o nosso toca fita, a nossa televisão. Nós deixamos pra trás e vivemos de novo aquilo que nós vivemos há anos atrás e enfrentamos os nossos adversários políticos, é a questão da terra. E a aldeia completa veio de novo. Nós entramos de novo no Yvy Katu, no Porto Lindo, e estamos lá de novo hoje. Hoje tem 120 barracos lá e tem rezador e, então, a terra pra nós vai servir muito.

Essa terra vai servir pra mantermos a língua e hoje a língua guarani é muito difícil pra nós. É, como a reza voltar, para isso o espaço vai ajudar em muitas coisas do nosso modo de ser. Conforme o rezador a terra é a arma nossa. A arma nossa vai ser a nossa vida lá. Se chegar alguém com arma o que nós vamos pôr na frente é a nossa vida, ali. E eu acho que, conforme o Delossanto, o rezador, ele fala mais sobre a vida

dele, porque os mais velhos já perderam, o tanto que já perderam! Agora, mesmo que os rezadores perderem nessa luta a vida, vão ficar os mais jovens, que vão aproveitar muito. Não de aproveitar assim, financeiramente, mas o espaço vai fortalecer, vamos colocar nossas escolas onde nós vamos trabalhar como professores com as crianças e com os adultos. E, na minha análise, é muito difícil para nós, porque num pedacinho de terra entra a cultura paraguaia lá e entra a cultura guarani no meio, e a cultura dos brancos. É um choque muito forte, não somente na língua, não somente na educação.

A educação não-indígena tem uma visão muito forte pra acabar com a língua nossa, com o nosso modo de ser e com o nosso modo de ensinar. Então, é uma questão que está acima de nós. É um teste pra nós. Mas, também entrevistei o Paulinho, morador antigo da Yvy Katu. Eu coloquei a minha preocupação, a questão da terra e a questão da visão como professor e ele disse que as coisas dos brancos, a tecnologia dos brancos, não vão atrapalhar nós em nenhum momento. Vocês professores podem ter computadores, vocês podem ser doutores, vocês podem ser juiz e o que for, que chegue a tecnologia para nós. As vestimentas que a gente tem, as roupas tradicionais, é difícil pra gente usar hoje, mas ele disse que isso não vai atrapalhar em nenhum momento porque eles, os rezadores, vão rezando, cantando, com dança e reza. E que isso não acaba não.

O nosso coração e o nosso pensamento vão ser sempre como de um Guarani e o que vai acabar hoje e o que vai prejudicar e o que prejudicou, ele diz, o que pode ser um perigo pra nós é o espaço – o espaço que é a terra. Porque se nós não ocuparmos a terra que era nossa tradicionalmente, isso vai prejudicar, porque da terra vem o nosso fortalecimento da cultura, que é a cultura. A terra já é tradicionalmente nossa, o Yvy Katu. E se Tupã, o Deus, nos ajudar com os rezadores e com nossa força, nós vamos estar lá garantindo com nosso esforço e com a ajuda das leis, nós vamos estar ganhando mais espaço, que antes era nosso mesmo.

**Recebido em 10 de fevereiro de 2006.**

**Aprovado para publicação em 6 de março de 2006.**

